

CORTINA DE AÇO

RUBEM BRAGA

CHEGA ao meu conhecimento um novo caso de negação de visto, por parte da Embaixada americana, a um brasileiro. Eu mesmo tive o meu visto negado, certa vez que pretendi ir a New York, de passagem para a Europa. Depois de uma curta conversa em que um funcionário consular disse estar muito "sorry", não insisti, porque então já resolvera ir diretamente para a França. São conhecidos, entretanto, muitos casos de pessoas que, apesar de grande insistência e da interferência de personalidades eminentes, tanto americanas como brasileiras, não arranjam o visto. Na maioria dos casos os representantes americanos não se dignam dar a conhecer os motivos precisos da recusa.

O governo americano tem o direito soberano de negar a entrada em seu território a quem bem entender, e sob este ponto de vista é impossível criticar tal procedimento.

Mas nas relações internacionais não existem apenas direitos. Há também deveres; alguns são deveres de reciprocidade; outros são deveres criados pelos próprios governos. Se o Brasil não costuma negar visto a cidadãos norte-americanos, nada justifica que os Estados Unidos tranquem suas fronteiras a cidadãos brasileiros. No caso de jornalistas (o meu não é o único) a coisa é mais grave. Vivem os representantes norte-americanos a cantar em todas as conferências internacionais as belezas e vantagens da liberdade de imprensa. Essa liberdade não se concebe, evidentemente, sem o direito de acesso às fontes de informação. Movimenta-se o Departamento de Estado para assegurar, aos correspondentes norte-americanos em todo o mundo, o direito de colher e transmitir livremente notícias. Um correspondente americano é, ao contrário de um brasileiro, um homem que tem atrás de si todo o apoio diplomático. Na ONU e na UNESCO os americanos fazem belos discursos

sobre a importância que tem, para a paz e para a democracia, a livre circulação das notícias e dos que as colhem e transmitem.

Ora, o que vemos na prática — e eu vi pessoalmente de maneira muito clara — é que os americanos pregam uma coisa e fazem outra. Nada nos resta, a nós, pobres jornalistas que levamos com a porta na cara, do que fazer uma careta sempre que ouvimos falar em democracia norte-americana. Não podemos acreditar nessa democracia que nega um dos direitos que vive a apregoar. No tempo de Roosevelt era diferente.

Não sou anti-americano. Tenho um passado para provar isso, e esse passado não é secreto: está contado em quilômetros de colunas de jornal, através dos anos. Se alguma vez fiz ou faço alguma crítica a certos aspectos da vida norte-americana ou atitudes de seu governo é porque fui criado na crença muito americana de que o debate das idéias e dos fatos é livre. Como repórter, jamais fui acusado de qualquer incorreção; não faço impressionismo nem panfleto quando estou fazendo reportagem: faço reportagem. Orgulho-me desta consciência profissional. Tenho por isso, e o adquiri ali na rua México, o direito de negar o meu visto a qualquer declaração de qualquer diplomata ou estadista americano sobre liberdade de imprensa. Tenho o direito de pensar nos Estados Unidos sempre que ouço falar em cortina de ferro.

A verdade é que o Itamarati não pode ficar de braços cruzados diante desses casos que se repetem. Uma intervenção firme de sua parte em cada caso concreto é indispensável. E' indispensável também que ele se disponha a ordenar a seus cônsules nos Estados Unidos que adotem exatamente, para a concessão de visto a cidadãos norte-americanos, o procedimento das autoridades americanas com relação a cidadãos brasileiros. Sei perfeitamente que a muitos norte-americanos envergonha essa política tão grosseira de suas autoridades no estrangeiro. Mas se essa política persiste, às nossas autoridades é que cumpre tomar uma atitude, por um imperativo primário de dignidade.

5.1.49